

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

ALISSON KAICK RODRIGUES FREITAS

DISCUNJURO

EXPERIMENTAÇÕES CORPÓREAS E MANIPULAÇÃO ENERGÉTICA

CACHOEIRA

2022

ALISSON KAICK RODRIGUES FREITAS

DISCUNJURO

EXPERIMENTAÇÕES CORPÓREAS E MANIPULAÇÃO ENERGÉTICA

Memorial de Processo Técnico-Artístico apresentado ao curso de Bacharelado em Artes Visuais, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, de caráter descritivo e analítico do processo criativo para Trabalho de Conclusão de Curso, sob orientação da Prof. Dra. Emi Koide.

CACHOEIRA

2022

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL -
BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRB**
1 Identificação do tipo de documento

 Tese [] Dissertação [] Monografia [] Trabalho de Conclusão de Curso Memorial [] Outros []

2 Identificação do autor e do documento

 Nome completo: Alisson Kaick Rodrigues Freitas

 CPF: 063.672.875-55

 Nº de Matrícula do Curso: 203431962 Telefone: 73 991569757

 e-mail: alissonkaic@hotmail.com

 Curso de Pós-Graduação/Graduação/Especialização: Bacharelado
em Artes Visuais
2.1 Título do documento:
DISCENJORO, EXPERIMENTAÇÕES CORPÓREAS E MANIPULAÇÃO
EMERGÉTICA

 Data da defesa: 04/03/2022
3 Autorização para publicação na Biblioteca Digital da UFRB

Autorizo com base no disposto na Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973, de 2 de dezembro de 2004, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) disponibilizar gratuitamente sem ressarcimento dos direitos autorais, o documento supracitado, de minha autoria, na Biblioteca da UFRB para fins de leitura e/ou impressão pela Internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

 Texto completo Texto parcial []

Em caso de autorização parcial, especifique a (s) parte(s) do texto que deverão ser disponibilizadas:

3. Local Data Assinatura do (a) autor (a) ou seu representante legal
Salvador, 6/04/2022, Alisson Kaick R. Freitas
4 Restrições de acesso ao documento

Documento confidencial?

 Não

 Sim Justifique: _____

4.1 Informe a data a partir da qual poderá ser disponibilizado na Biblioteca Digital da UFRB:

 ____/____/____ Sem previsão

Assinatura do Orientador: _____ (Opcional)

 Assinatura do Autor: Alisson Kaick Rodrigues F. (Obrigatório)

 O documento está sujeito ao registro de patente? Não Sim []

 O documento pode vir a ser publicado como livro? Sim [] Não

Conforme Resolução 003/2018 do CONAC, Após a apresentação e aprovação do trabalho, o aluno deverá encaminhar duas copias do trabalho final em mídia digital (em formato pdf) devidamente assinada pela Banca e pelo Orientador para registro no Colegiado do Curso e 1 (uma) mídia para ser encaminhada para a Biblioteca onde o curso funciona acompanhada do termo de autorização para publicação.

TERMO DE APROVAÇÃO

ALISSON KAICK RODRIGUES FREITAS

MEMORIAL DESCRITIVO DO PROCESSO ARTÍSTICO “DISCUNJURO”

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB pela banca examinadora:

Banca Examinadora

Profa. Dra. Emi Koide (UFRB) – Orientadora

Profa. Dra. Priscila Miraz de Freitas Grecco (UFRB) - Banca Examinadora

Prof. Me. Tarcisio Almeida - Banca Examinadora

CACHOEIRA

2022

Agradecimentos

Me sinto abençoado em muitos aspectos, apesar dos pesares. Quanto mais encontros presencio/participo, mais essa sensação se instaura em mim. Gostaria aqui de deslocar as significâncias, nas quais as compreensões de benção estariam enraizadas. Compreendo como benção a sensação que se dá através do contato com a possibilidade de que outros me reeduem de formas ainda não nomeadas.

Preciso agradecer minha Avó Dona Maurina, a Véia Preta, a Véia Mau, por quem fui (vezes pelo sangue, vezes pela experiência) incentivado a dialogar com a possibilidade, mesmo quando estes diálogos por motivos diversos tornavam-se violentos, algumas vezes por pura teimosia. Agradeço a todos. A minha Família como um todo, incluindo aqui também minhas relações não consanguíneas, estabelecidas pelo afeto, pela experiência. Obrigado pela base, obrigado pela oportunidade de viver num ambiente que me possibilitou de inúmeras formas contrariar probabilidades e estatísticas.

Obrigado Minha Mãe Obiricy Rodrigues, Professora Birinha. Por me dar mais do que eu consigo expressar. Obrigado pelo apoio, mesmo quando contrariando suas próprias experiências e crenças escolheu me garantir possibilidades de existência. Obrigado Meu Pai, Ademir Freitas, Dêmi, Pretu, obrigado por ser minha maior referência artística. Obrigado por sempre que possível estimular meu senso estético e criatividade, mesmo que as vezes na penumbra. Sou abençoado por poder presenciar seus ensinamentos. Sou abençoado pela energia por emergir existindo parte de vocês.

Agradeço pelos encontros, por todos eles. Os que direta e indiretamente me possibilitaram conhecer, descobrir e viver, vezes com eles, vezes através deles.

Me sinto abençoado. Sortudo. Pela possibilidade de poder experienciar o todo, no tudo.

Muito Obrigado.

RESUMO

O presente trabalho caminha através da relação com a experimentação e possibilidade de construção de sentidos através da penumbra, da cor, do som, do movimento e da performance. Apresenta-se o processo do artista, seus caminhos e questões, através de suas próprias produções artísticas e conceituais, propondo uma reflexão através da construção da imagem e a da potência da palavra. Assim, pensa-se em reassociação e construções simbólicas e místicas que busquem outras formas de conhecer, de maneiras outras, engajando signos e elementos já familiares.

Palavras-chaves: Penumbra, Experimentação Artística, Performance

ABSTRACT

This work presents the relationship with experimentation and the possibility of constructing senses through shadow, color, sound, movement and performance. It presents the artist's process, his paths and questions, through his own artistic and conceptual productions, proposing a reflection through the construction of the image and the power of the word. Thus, we think of reassociation, symbolic and mystic constructions that seek other ways of knowing, engaging familiar signs and elements.

Key words: shadow, artistic experimentation, performance

SUMÁRIO

Introdução	10
Verbo feitiço de ação: Maldição e desgraça	11
Encontros na quina: Corpus sísmicos na penumbra	18
Minguar para insurgir: O culto e a irradiação	25
O SOM	31
A COR	36
O MOVIMENTO	41
Oratórios a um colorê: O Braço Direito da Luz	46
Referências	53

Índice de Imagens

Imagens 01 - 04: *Desgraça*, processo de estudo sobre a palavra, ação e intenção. Construção de Feitiço/discurso. Acervo do artista. Kaick Rodrigues. Fotografia. 2021

Imagem 05: Frame de vídeo. Projeção natural. Reflexo da luz nas águas da Maré, projetada para dentro do quarto do artista de forma natural, por entre os furos de sua janela.

Imagem 06: Série *in vermelho*. 2019. Frame de vídeo. *Culto a nós. Abissais e a noite. Lorena, Kheel, Danrlei in Vermelho*

Imagem 07: Série *in vermelho*. 2019. Frame de vídeo. *O feijão a noite. O alimentar além da matéria.*

Imagem 08: Série *in vermelho*. 2019. Auto retrato. *INRRADIADO. Processo de percepção corpórea e emancipação espiritual. Caliban in vermelho.*

Imagem 09 - 10: Frame de vídeo. *Transe de dez milésimos de segundo*. Vídeo. Ritual-recital-performático.

Imagem 11 - 12: *Transe de dez milésimos de segundo*. Registro fotográfico. Ritual-recital-performático.

Imagem 13: *Primeira braçada*. 21 x 29,7cm. George Teles. Impressão s/ papel (Monotipia) Ed. 01/01. (02 peças). 2020

Imagem 14: Garrafa de azeite de dendê de pilão.

Imagem 15: *Colisão*. 45 x 59 cm. George Teles. Impressão s/ papel (Monotipia). Ed. 01/01 (03 peças). 2020

Imagem 16: Registro no trecho Ilhéus/Itabuna. Acervo pessoal do artista. Registro fotográfico. Mensagem em barranco, frente ao Hospital Regional Costa do Cacau. 2020

Imagem 17 - 18: Escultura 3D. *Atravessador* - Projeto em 3D de um Saveiro de duas proas. do artista Allan da Silva . 2021

Imagens 19 - 20: *Atravessador*, Saveiro em produção em Jaguaripe/BA, fotografia do acervo do artista Allan da Silva . 2021

Imagem 21: Série *O Braço Direito da Luz*. Kaick Rodrigues. Fotografia. 2019. Acervo do artista

Imagem 22: Série *Entre o Orun e o Éje*. Kaick Rodrigues. Fotografia. 2019. Acervo do artista

Imagem 23: Série *O Braço Direito da Luz*. Acervo do artista. Kaick Rodrigues. Fotografia. 2019

Imagem 24: Série *O Braço Direito da Luz*. Acervo do artista. Kaick Rodrigues. Fotografia. 2019

“DISCUNJURO”

Experimentações corpóreas e
manipulação energética

Abissal que sou, me imponho a emergir. A medida que ritualizo meu peito, permito a possibilidade de me vestir laranja dendê, como a lua que me inradia à quina do espaço. Há apenas um neguinho no escuro. IN RRA DI A DO.

Introdução

A palavra reverbera, pois é viva. Estraçalha em dança a vontade do invocador, justamente pela ânsia ao contato. Que marcas o espetáculo da linguagem te traz à tona? A palavra, a intenção, a estratégia, a persuasão. Como Leda Martins nos lembra *“... a palavra, índice de saber, não se petrifica num depósito ou arquivo imóvel, mas é concebida cineticamente. Como tal, a palavra ecoa na reminiscência performática do corpo, ressoando como voz cantante e dançante, numa sintaxe expressiva contínua que fertiliza o parentesco entre os vivos, os ancestrais e os que ainda vão nascer.”* (2016, p 67)

Reconhecer, relocar e refletir sobre minha relação com a palavra me direcionam a mergulhar na linguagem, logo nas relações. Em diferentes dimensões. Meu processo descrito nesse trabalho traz como experiência, muito através da experimentação, uma vontade por saborear os laços construídos por mim e por outros, tendo a palavra como a matéria que dá liga. Sabores aos quais tento me reapresentar, desassocio e desposo, na sede de rever o novo no amargo que já conheço. O caos vivo na materialidade dessa liga, a linguagem, transborda a intenção do construtor. Os significados, os sinônimos, as referências - tudo tem tantos dedos envolvidos.

Reafirmo minha intenção por possibilidade e manifestação, grafar o documento através da oralidade, invocando contatos através da palavra. Desconjuro como “disconjuro”, o varrer como “barrer”. O sorteado como “surtiado”. Criar palavras e conceitos, trazer a potência da oralidade, pois a palavra que cria passa pelo sopro do que é dito. A transcrição em text, o papel ou agora no digital, torna-se outra coisa. Invoco o poder da palavra que reverbera no corpo. Combate-se assim também, todo um preconceito linguístico, tal como cunhado por Marcos Bagno (2002), que reforçam signos da colonialidade, uma limitação a um registro de linguagem da dita norma culta - que apaga registros e usos populares, ou os invalida como “errados”. Manipular a dimensão texto visual através da reorganização e propagação energética. Construir texto é montar imagem, construir imagem como se redige um texto. Propondo a mim, e a quem entrar em contato com esta obra o desejo por compor e “castelar” seus próprios caminhos e rituais. Evoco pela ação que há na grafia, e a força que reside na intenção os agentes que me apresentam a manipulação. Nesse encontro na quina.

Verbo: feitiço de ação

Maldição e desgraça

Foi no primeiro ano de faculdade que li um poema de Adrienne Rich chamado “The Burning of Paper Instead of Children” (Queimar papel em vez de crianças). (...) Um verso desse poema que comoveu e perturbou algo dentro de mim: “Esta é a língua do opressor, mas preciso dela para falar com você.” Nunca o esqueci. (HOOKS, 2017, p 223).

Como podem as fodidas experimentar o prazer da criação?

Seria em Camamu, onde me estendo e entendo. Cidade no interior da Bahia que fica ali, entre o dendê e o cacau. Aqui meu primeiro contato com a arte foi também em minha casa onde aprendi a ritualizar o cotidiano, usando-a como ferramenta. Prática essa que aconteceria também em outro território, a igreja. Tendo acesso à música, ao teatro, entre outras possibilidades artísticas. Para artistas dissidentes nascidas no interior, essa é a primeira negociação que fazemos para nos mantermos minimamente sãs.

Você já sentiu essa limitação diretamente no espiritual? As mesmas que nos fazem acreditar que o templo, o sacerdote, a missa enquanto um ritual, são as únicas formas de contato com a energia que está entre e sobre nós?. O que proponho com meu trabalho é me permitir *inrradiar*. Me permitir ir contra as coreografias esperadas. O que para mim está diretamente ligado à minha relação com essa energia e as maneiras com as quais consigo acessá-la. Hoje não consigo compreender minha relação com a criação em áreas específicas, e sou *inrradiado* ao perceber isso e principalmente sentir, *tudão*, como partes de um mesmo espectro. *Inrradiar* é então, só mais uma maneira de evangelização. Pois se o ato de evangelizar é o ato de propagar, manifestar e emitir a palavra a todos os cantos. *Inrradiado*, tomo posse dessa com a autonomia necessária para repensar e reescrever meu próprio evangelho. Manuiplando como ferramenta a palavra, a língua, a mesma que por vezes é direcionada a meu corpo como amarra ou muro. Relocar e resignificar através da intenção os sentidos e associações.

“Refletindo sobre as palavras de Adrienne Rich, sei que é a língua inglesa que me machuca, mas o que os opressores fazem com ela, como eles a moldam para transforma-la num território que limita e define, como a tornam uma arma capaz de envergonhar, humilhar e colonizar.”
(HOOKS, 2017, p 224).

Quando a *inrradiação* acontece é o momento onde a inércia se converte em ação. A experiência acontece quando a energia arrebatadora e incontrollável nos coloca em estado de agir. A criação passa justamente por um processo de *inrradiação*, mas principalmente em produzir formas de *inrradiar*. Assim posso subverter significados e ensinamentos que me aprisionam numa mesma perspectiva.

Serpenteando respiro alaranjado. Quente.

É preciso serpentear para a entrar em Camamu, principalmente quando o caminho é pela água. Aqui é onde entre o doce do Cacau e o quente do dendê pairam sob a cidade de dois andares, o “esplendor do baixo sul”. Não por coincidência, assim como a maioria das cidades históricas Brasileiras, Camamu, é espacialmente estruturada partindo de conceitos simbólicos que geograficamente reforçam o domínio invasor. Da maior parte da cidade, partindo do seu centro comercial, localizado a cidade baixa, é possível observar a imponência da Igreja Matriz dedicada a Nossa Sra. da Assunção, localizada em uma das áreas mais altas da cidade, levando em consideração a geografia da cidade em 1817, quando o prédio da Matriz foi concluído. Não havia um local que não pudéssemos observar o prédio, assim como sermos observados pelo que ele representa. Há um caráter simbólico de comunicação social muito importante instaurado na espacialidade. Sob essa espacialidade, paira a maldição. Uma diplomacia leviana onde se atribui ao campo sobrenatural suas responsabilidades sociais.

Há em minha cidade uma lenda. Conta-se que uma vez, a certo tempo, um padre ousou confrontar a elite financeira da cidade. Reivindicando que fossem repensadas as altas taxas e impostos cobrados. Como resposta, esse Padre teria tido seu corpo arrastado por cavalos, pelas principais ruas da colônia, para que seu exemplo fosse medida educacional ao restante. A lenda fala que em determinado momento de sua punição, sua alma se levanta do corpo trucidado pelo atrito com calçamento. E

batendo seu cajado no chão rogou uma maldição sobre a cidade, afirmando que daquele dia em diante não haveria mais prosperidade naquele território.

Sempre me chamou atenção a associação de contos como esses quando se era necessário justificar responsabilidades. Há uma relação entre, maldição e construção de discurso? Como este é usado como isenção ou sentença? Entre quem amaldiçoa e quem é amaldiçoado quais relações são estabelecidas?

O poder insuspeitado das ficções é o de ser cimento do mundo porque, como propõem pensar as coeditoras do livro *Octavia's Brood, Walidah Imarisha e adrienne maree brwn*, "não podemos construir o que não podemos imaginar", de modo que tudo o que está construído precisou, antes, ser imaginado". E aí reside o poder das ficções. (MOMBAÇA, 2021, p 67).



Imagem 01: *Desgraça*, processo de estudo sobre a palavra, ação e intenção. Construção de *Feitiço/discurso*. Acervo do artista. Kaick Rodrigues. Fotografia. 2021

De alguma forma, no meu processo, a construção de imagem funciona como a construção de um feitiço. Mas essa não reside num campo místico das ideias, por isso a entendo como matéria. Uma linguagem que passa pela transmutação, pela possibilidade, pela imaginação. PÁ DIZÊ.

PÁ DIZÊ. Possibilidade através da ação. Imaginação no lugar do imediato. Quando ao dar início a um projeto no campo da imaginação, logo no campo da possibilidade, me utilizo do **e se...** prefixo de feitiço, proponho que esse projeto, mesmo que no campo da ficção, aconteça numa temporalidade futura assim não existindo efetivamente, nem no campo metafórico. “**e se** nós fossemos”. “**e se** eu fizer”. “**e se** acontecesse”. O PÁ DIZÊ, ainda que se proponha a criar através da imaginação qualquer coisa, este se apresenta como gerúndio ainda que em estado de ficção/fantasia. “ai pá dizê que eu tô indo”. “ai pá dizê que eu tô fazendo”. “ai pá dizê que tá acontecendo”. Este enquanto feitiço imagético fez parte da minha infância e juventude. De alguma forma o pá dizê ainda se faz presente nas relação que estabeleço com a *inrradiação*, construção de visualidades e a manipulação da palavra.

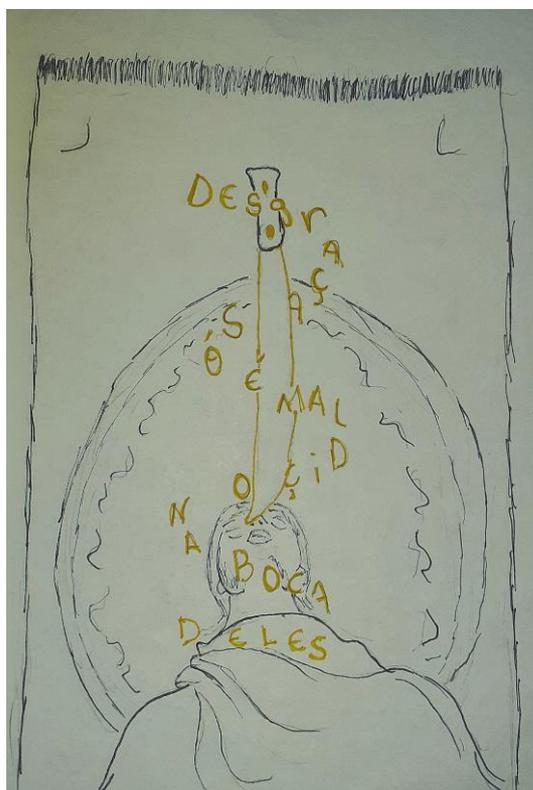


Imagem 02: *Desgraça*, processo de estudo sobre a palavra, ação e intenção. Tradução em imagem.

Acervo do artista. Kaick Rodrigues. Fotografia. 2021

O Kagemusha de Jeová.

Precisamos reaver o poder da narrativa, salvando o deus/energia que vive em um cárcere de milênios. Há (?) um *kagemusha* em seu lugar. A palavra poderia ser entendida em sua tradução, como a sombra de um guerreiro. *Kagemusha* era invocado quando a morte levava o líder de um clã ou região, durante o período do Shogunato, no Japão “feudal”. Esse “dublê” toma o lugar do Shogun para que inimigo ou até mesmo seus próprios companheiros de território, diante da perda do líder, não acreditem que a nação agora diante da perda está sem rumo. Ter domínio da energia passa pela produção de narrativa, garantindo assim o acesso à experiência/subjetividades. O poder da ação/intenção.

Não é, portanto, a dimensão ficcional que me interessa confrontar. São mais bem as ficções de poder específicas e os sistemas de valores que operam no feitiço deste mundo e seus modos de atualização dominantes.
(MOMBAÇA, 2021, p 67).

A nossa experiência vaza os sentidos e categorizações de existência impostos pelas linguagens coloniais. Estas linguagens, que se propõem a decodificar a experiência de forma verdadeiramente completa não dão conta de materializar (nesses campos da criação humana) as inúmeras formas possíveis de corpos não brancos existirem. Há no projeto colonial, que em sua base se comunica, tanto no campo da matéria quanto no campo da energia, através da subversão e da dominação, uma vontade de domesticar o TEMPO. Não há sangue que possa lavá-los.

Seis coisas o SENHOR aborrece, e a sétima sua alma abomina: olhos altivos, língua mentirosa, mãos que derramam sangue inocente, coração que trama projetos iníquos, pés que se apressam para a correr para o mal, testemunha falsa que profere mentiras e o que semeia contendas entre os irmãos.
(PROVERBIOS, 6, 16-19).

Contra todas as mentiras já contadas. Contra todas as maldições lançadas sob o chão empoeirado abaixo dos meus pés, que numa performance desesperada, ladainha corporal, me obrigam a permanecer *barrendo*. Varrendo. Mantendo estática a poeira de veneno que intoxica toda matéria. Em eterna repetição. Geração a geração. Como arma branca (ironia desleal), que não nasceu para representar a morte ou comunicar-se apenas pela violência, mas assim é utilizado e encorajado a performar. Construo em estado de *inrradiação* e através da ação, feitiços/discursos,

que possibilitem a transmutação dos signos. Assim reestabeleço a semiose sem o intermédio branco.

“Desgraça só é maldição na boca deles”. A lâmina é a própria palavra.



Imagem 03: *Desgraça*, processo de estudo sobre a palavra, ação e intenção. Tradução em imagem.

Acervo do artista. Kaick Rodrigues. Fotografia. 2021



Imagens 04: *Desgraça*, processo de estudo sobre a palavra, ação e intenção. Construção de Feitiço/discurso. Acervo do artista. Kaick Rodrigues. Fotografia. 2021

Encontros na quina

Corpus Sísmicos na Penumbra

Lá. Entre os espaços palpáveis e os utópicos destinados aos marginais, vivendo nas brechas, entre linhas, onde as existências além do estereótipo caçoam dos filhos de Narciso, ao mesmo tempo em que acreditam que o “melhor” é pertencer a sua família. Viver sob o estado de atenção constante ao qual meu corpo é tencionado, se amontoa em meio ao caos daquilo que me obrigam a ser e de tudo aquilo que poderia ter sido. A todos os habitantes da penumbra, que convivem entre três ou mais dimensões, simultaneamente, não apenas por suas grandezas mas por suas sobrevivências, este é um convite ao espaço sabático/ritualístico, em que a necessidade de vivenciar a possibilidade como experiência, é tão importante quando a própria experiência.

A penumbra a qual me refiro aqui precisa ser imaginada em dois estados metafísicos distintos. O primeiro seria a penumbra enquanto ambiente, à margem de um centro iluminado. Há um poste de luz sozinho em meio a escuridão, sua fração de incandescência ilumina, e domina um determinado território específico. Socialmente algumas particularidades sobre o território iluminado são determinadas, como habitantes que podem viver sob a luz. Quais negociações são necessárias para que ali seja “aceito”? Assim como a instauração de que o terreno iluminado é como o paraíso destinado a alguns merecedores.

Há uma etiqueta e esta é alva.

Tudo o que a escuridão toca deve ser domado ou destruído, não há vida/bem, que não abaixo da luz. Aos que sobraram, educados com o mesmo abc, mas que desventurados/agourentos, de criação, nunca couberam no espelho, resta apenas o viver a penumbra pois na escuridão não há vida. Gradativamente tudo que se esgueira

para fora da área iluminada, mas que por uma questão espacial não mergulha na escuridão, estaria a penumbra. O repúdio sob o véu da sombra, no qual alguns vivem por escolha ou trauma. A segunda, é a penumbra criada sob os olhos da luz. Espaço no qual a penumbra é recriada e reformulada, porém aqui como espaço amorfo e temporário, de possibilidade, construído e evocado a partir da ação.

Sob o mesmo poste sozinho em meio da escuridão agora há um mosquiteiro. Seu tule não impede a luz de transpassa-lo, ao mesmo tempo que não expõe completamente o que ali habita. Recria o ambiente necessário, propondo intervalo/descanso. Importante imaginar que, a penumbra forjada dentro do ambiente iluminado não é fixa, e não pode ser. A penumbra dentro deste território se dá como espaço de descanso e ainda que temporário, não deixa de ser eficaz na manutenção da saúde dos habitantes que não podem viver sob a luz como são. Entendendo que a criação de barreiras estéticas e limitações visuais, possa possibilitar a construção de espaços de descanso mesmo que momentâneos, pois na estética do espaço claro, o caos visual que uma sombra pode causar é inaceitável. É preciso recolocar a armadura, repassar as coreografias e encarar o externo exposto ao holofote. Para estes, os que vivem sob a luz, é necessário permanecer em movimento, infiltrados, sobrevivendo em estado performativo, entre silêncios, cultuando em mistério.

“O *Ma*, enquanto possibilidade, associa-se ao “vazio”, que, distinto de uma concepção ocidental cujo significado é o nada, é visto como algo do nível da potencialidade, que tudo pode conter, e, portanto, da possibilidade de geração do novo. É, por conseguinte, o vazio da disponibilidade de nascimento de algo novo e não da ausência e da morte.”
(OKANO, 2013-2014, p 151).

Michiko Okano me faz repensar a relação opositiva ensinada no ocidente como base das relações, sobretudo as que envolvem o claro e escuro como signos, assim como suas representações/sinônimos. Através do conceito de *Ma*, Okano me oferece formas de reler instrumentos e reorganizar ferramentas, propondo através destas novos significados para o familiar. A questão sempre virá por mais de uma boca. Assim como a “realidade” é construída por mais de uma língua. Pois a “verdade” não pode ser escrita por uma única mão.

“Desse modo, o espaço “vazio” do *Ma*, nessa compreensão ocidental, acaba por referir-se, normalmente, apenas à sua fisicalidade, à sua visualidade (como a coisa aparece aos olhos), do modo como as coisas estão objetivadas, mas não no sentido da visibilidade, que inclui o sentido semiótico (como aparece aos olhos da mente) (FERRARA, 2002b) e que permeia a percepção japonesa. Desse modo um espaço físico considerado vazio da perspectiva ocidental, para um japonês, está pleno não apenas de ar, mas também de todas as possibilidades de preenchimentos por outros elementos que ele abriga.”
(OKANO, 2012, p 28).

No oco da ponta há atenção.

Às vezes, aos noventa, ELA me diz que “partiremos daqui mais burros do que quando chegamos”. E então me canta, “Adeus Bahia, sai surtiado, não sei meu deus para que eu nasci, não há destino nem dinheiro ao menos para um surtiado deixar de partir”. Religando em mim uma vontade de refletir sobre o sorteio, sobre a forma/matéria destes ou aqueles sorteados, assim como se da construção do discurso que garante ao o indivíduo o status de “surtiado”.

Sempre direta, sem curvas ou ladeiras, sem porteiras ou pedágios, não há filas de espera às mensagens que deve entregar. ELA conduz a ação pela boca, não por meio de ordens, mas por meio da intenção. Me ensina que há a possibilidade de compreender O VERBO como feitiço de ação e isso me chegou como muitas outras coisas, a partir de um norte que não se limitaria a uma categorização esotérica/mística/sobrenatural. Pensar o verbo como ideia ou pensamento, existente e real, não nos distancia da forma de como seu significado nos é apresentado na linguagem, por exemplo. Me lembro que o verbo é palavra que indica ação, estado ou fenômeno da natureza, mas essa não seria a primeira e única vez com a qual me depararia com essa energia. Independente da linguagem/ciência, A AÇÃO não se restringe a uma área de pensamento, ou ao domínio de apenas uma narrativa.

“No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele nada do que foi feito se fez.”
(JOÃO, 1, 1-3).

Certas vezes hídrica, irriga e nutre, me alimentando de baixo pra cima por conexões imperceptíveis aos olhos mais anestesiados. Outras vezes seca, ácida, me lembra que a mensagem deve ser dita ainda que dissolvam-se os ouvidos, ou coisa pior. É

assim que ELA sabe que deve acontecer. Conversa comigo. O que é meu é meu, o que é DELA é DELA, nossa linguagem só pode ser visual. O mundo lusófono à brasileira não dá conta de interpretar ou de materializar algo tão fora da materialidade temporal textual. Somos apenas caminho, condutores onde a mensagem/intenção é a própria linguagem.

**A quina só existe a medida
que o nosso encontro
acontece.**

“(...) este sentimento do embarcado não pode ser regulamentado, pelo menos não com sucesso, por um Estado, uma religião, um povo, um império, um pedaço de terra, um totem.”
(HARNEY,S.;MOTEN,F. 2013, p.97).

Pela manhã, enquanto o breu ainda me cobre, ELA me mostra que as quinas não se restringem a minha matéria, não existe privilégio ou protagonismo na condução, principalmente quando se aceita que há outras muitas possibilidades de condução. Entre zênite e nadir, há mais encontros do que poderíamos enumerar. Como poderia eu nomear ou patentear algo tão antigo, tão fino. Por diferentes momentos, outros nomes foram atribuídos a encontros como esse. Nas quinas, os afetos sob a luz ou a penumbra, mesmo que em sentinela, mesmo que temporalmente ligeiros, são verdadeiros. De dentro para fora, de retaguarda coberta. Nestes encontros em estado de atenção, o que deve ser dito é dito, produzindo linguagem (visual), extrapolando a fonética e a semântica, o gesto que é palavra subverte a intenção, imprimindo novos significados aos signos que partem desses corpos. Trocando línguas, ainda que não se emita um som sequer, a quina é física ao mesmo tempo que acontece além da matéria.

Nos propomos a conversar sem que nos fechemos um no reflexo do outro. Não. As quinas são encontros onde a atenção permanece sem que a ansiedade nos arrebate, pois ainda que não existam espaços seguros, é neste lapso temporal/espacial que construímos a troca necessária. Onde através da ação tornar-se real a terra indescritível, onde reside a possibilidade.



Imagem 05: Frame de vídeo. Projeção natural. Reflexo da luz nas águas da Maré, projetada para dentro do quarto do artista de forma natural, por entre os furos de sua janela.

Seu Menino aparece em minha parede, o encontro começa. Não me encontro com ele, mas com ELA. A luz, o breu. Seu Menino, tudo é palavra, agindo em gerúndio. Seu Menino é aqui a representação do verbo e o verbo é ação. Dourado e preto, rodeado por água, o vejo lutar. Arruma, fuma, ri, se prepara e parte. Vejo tudo do cativado onde fui convidado convenientemente a permanecer, em nome do Pai, do Filho e do Espírito. Na possibilidade de fugir da “dor” construo em volta de mim exatamente o que a *Performancia* lhes diz que farei. Não a magia numa arte orquestrada.

Enquanto sigo performando um papel escrito/imposto a meu corpo. A ele e suas nomenclaturas, existem especificidades forjadas em material nada maleável, embora frágil. A mesma *Performancia* que se dispõe através das performatividades sociais/subjetivas, a prever ações de um sujeito, se subverte as dominações. Pois a quem pertence o poder da construção dessas performances, pensando aqui as associações e imagens sobre o que seria um Negro, um Homem ou ainda um Homem Negro, por exemplo. Há também a garantia de que num campo de manipulação

energética, os passos do outro sempre estarão exatamente onde eu lhes digo que estarão. Não há possibilidade de performar uma coreografia diferente da destinada colonialmente a sua marginalidade. Pensando também nesse corpo associado à margem como uma construção deste mesmo poder.

A tentativa de fuga dessas coreografias/papéis tendem a instaurar o estado de atenção constante. Viver sob esta luz é negociar sua vitalidade com o tempo que eles acreditam manipular de forma sublime, num eterno direcionamento de danos/ação, que essencialmente nunca deixará de existir, mas que deslealmente age para lhes garantir a manipulação. A todo custo, tudo é justificado em nome da possibilidade de senhorio. Não há atribuição que possa justificar a polarização bilateral opositiva além da leviandade.

“O poder opera por ficções, que não são apenas textuais, mas estão materialmente engajadas na produção do mundo. As ficções de poder proliferam junto a seus efeitos, numa marcha fúnebre celebrada como avanço, progresso ou destino incontrolláveis.”
(MOMBAÇA, 2021, p 65).

Quantas vezes um corpo pode ser ferido e se regenerar?

Ao fim da regeneração existe um novo corpo?

Se a fisionomia/forma são as mesmas que as de antes do ferimento,

o novo realmente veio?

ELA me dizia que se acendemos uma vela mal intencionados, ao mal destinamos a luz que fizemos propagar. A luz que emanamos assim como o mistério daquilo que permeia a escuridão, permeia a intenção. É um caminho tortuoso o de reconhecer certos gestos ou signos, como ferramentas que nos sirvam de possibilidade experimental. Destituindo e ressignificando, em certa medida, partes complementares e diretas de subjetividades que foram construídas e atribuídas por outros a nossos corpos. A Vêa Preta me mostra mais do que eu consigo ver. A maré me fala mais do que eu consigo escutar.

Ao que chamo aqui por ELA, pode ser compreendido como energia. ELA às vezes se apresenta como minha avó, a Vêa Preta. Outras vezes vem até mim como a maré. Independente da forma sempre a reconheço através da linguagem. A Vêa ou a maré são condutores assim como muitos outros, Corpus Sísmicos, existências abissais que amedrontam a luz e suas instituições, por não precisarem de intermédio em seus contatos com a energia. Seus corpus são um fenômeno incontestável, resultantes de incontáveis encontros como esses, em quinas. Há uma energia violenta no interior da penumbra, que súbita, inesperada, e em grande quantidade, através da ação, provoca vibrações que se propagam em todas as direções a uma vasta área circundante.

Acredito que de alguma forma corpos marginalizados acabem se tornando Corpus Sísmicos, principalmente quando em estado de *inrradiação*. *Inrradiações* que podem vir a acontecer desses encontros na quina ou de espaços sabáticos na penumbra, onde em descanso cultuam a si mesmos. O contato consciente e não demonizado com essa energia, que parte do encontro com o outro/espaco/matéria, precisa se manter em movimento, em contato com a possibilidade.

Não se gesta *inrradiação*. Não se domina *inrradiação*. Há apenas condução e manipulação, de uma energia que não pode ser atribuída ao binarismo cristão. Somente em movimento podemos perceber a tridimensionalidade das nuvens.

Me inspiro no verbo.

A ação é o maior feitiço conhecido.

Minguar para insurgir

O culto e a *Inrradiação*

Há algo que deve renascer dentro de nós todas as noites. Algo que precisa ser feito. Revisitado. E é no escuro que escuto “junte-se ou morra”, de uma voz que soa familiarmente inédita. “O som, o único fantasma do qual não se pode fugir” (citação?). Não tenho tempo para dúvidas, só me sobrou confiar num eu que ainda não conheço, alguém a quem tenho cuidado no escuro, pois é lá que eles podem ser gerados. Demorei a entender que o medo que me foi ensinado partia não do escuro, mas do que lá poderia existir, uma existência fora dos poderes e dos domínios. O escuro é uma fração do desconhecido, do mistério e tudo que os olhos tocam pertence ao Pai de alguns. Assim, tudo que a luz toca curva-se aos domínios dos seus. A claridade que assusta é a mesma que nos impede de viver apenas em um território.

Nossa fertilidade vem do trânsito, do gerúndio.

Para TEMPO exponho minha vontade por contenda, ele me responde por paciência. Minguar para insurgir. E nessa desvantagem secular na qual me encontro devo ser “sábido”. Sábio o suficiente para lançar um bote certo, enquanto encanto um som de muitos. Murmurando a canção que alguns já sabem e ninguém ensinou. No todo dia evoco quem posso, alguns estão sempre aqui, outro passam a visão e seguem até o próximo encontro, e nesse fluxo a ritualidade cotidiana é trançada por diversos agentes, que me lembram que é na manipulação das ações e intenções que mora o valor das palavras e os ingredientes de um feitiço.

Mente: Pai: Medo:

Corpo: Filho: Culpa:

Alma: Espírito santo: Fé:

No gritar das noites de dois mil e alguns, era impossível se negar ao chamado. A dádiva do culto entre os seus é um privilégio, talvez por isso a homogeneização das subjetividades seja tão importante no monopólio da mitologia cristã. Sob o efeito da noite, tudo o que os olhos tocavam se avermelhava por apenas cinco conto. Em meio a risadas transfiguradas, manipulações proféticas de um futuro próximo e necessário, declarações corporais de afeto e cuidado, corpos sísmicos emergiam na NOITE, na possibilidade de cultuar a mim e a nós sob os olhos de TEMPO. Nos trânsitos de contato, relações e negociações se estabeleciam, compreendendo a necessidade de conexão com alguém que há muito, aqueles presentes já não viam. Alguns sequer conheciam suas próprias partículas divinas. Durante aqueles rituais regados a uma luz artificial e pouca, nos curvávamos por entre a beleza dos habitantes da penumbra. Cada um ali tinha em si o preço das negociações estampados em suas performatividades. Um dia uma entidade me disse por uma boca carnal: “O som é o único fantasma do qual não se pode fugir”. Esse fantasma sempre me retorna, evocando a potência que aquelas noites de culto causaram em minha existência.

Nossos equinócios eram diários e precisamente necessários. A Cor existente e inegável em tudo, mesmo na falta da luz, reivindica a si o papel como onda perceptível no meu processo de *inrradiação*. O Som embriaga, em conversas tão pessoais e ao mesmo tempo tão coletivas, atinando partes existentes irreconhecíveis. O Som é onda palpável no meu processo de *inrradiação*. O Movimento é o tombar do domínio. A passagem da energia pelo poder da ação. O círculo ritualístico, presente em inúmeros sistemas de manipulação energética, se formam entre Som, Cor e Movimento. Embora não se limite apenas a estes.

Partindo desse conjunto, penso como posso ritualizar, a meu modo o acesso a essa energia. Principalmente de maneira cotidiana, pois me parece importante salientar que as sensações mentais, corpóreas e espirituais tão presentes nas experiências de fé experimentadas em minha trajetória, deixaram marcas exatamente por seu valor estético/comunicativo. Marcas que permitiram ao meu corpo um apoteótico

reconhecimento do que era esse contato com tais energias. Reconhecer assim que é cultuando a mim e aos meus que o contato com esse campo energético acontece.

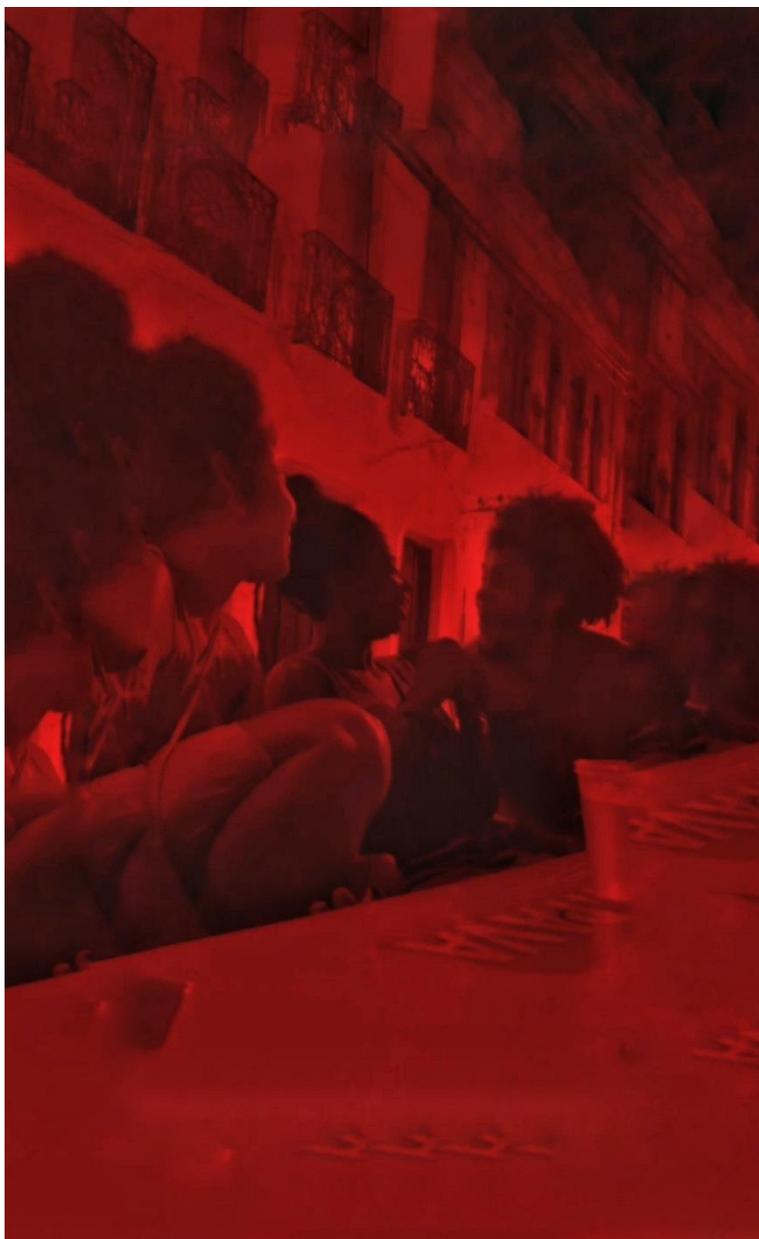


Imagem 06: Série *in vermelho*. 2019. Frame de vídeo. *Culto a nós*.

Abissais e a noite. Lorena, Kheel, Danrlei in Vermelho

Penso então que o meu intuito aqui não é o de conceitualizar ou sistematizar o que seria a *inrradiação*. Por isso, me coloco como instrumento de pesquisa e aprendizado, onde à partir do meu cotidiano traço maneiras de me ligar a uma energia real e de mil

nomes, independente se ela está/esteve/estará ligada a templos ou sacerdotes. A institucionalização da fé passa pelo domínio de algo que já nos pertence. Afinal, entrar em contato com essa energia que nos atravessa agora (hoje) me faz pensar que embora tenhamos sido ensinados a negar esse contato existem outras maneiras de tocá-la, que não as intermediadas por um feiticeiro licenciado da “fé”.

A oposição entre os detentores do monopólio da gestão do sagrado e os leigos, objetivamente definidos como profanos, no duplo sentido de ignorantes da religião e de estranhos ao sagrado e ao corpo de administradores do sagrado, constitui a base do princípio da oposição entre sagrado e o profano e, paralelamente, entre a manipulação legítima (religião) e a manipulação profana e profanadora (magia ou feitiçaria) do sagrado, quer se trate de uma profanação objetiva (ou seja, a magia ou a feitiçaria como religião dominada), quer se trate da profanação intencional (a magia, como anti-religião ou religião invertida). (BOURDIEU, 2007, p 43).



Imagem 07: Série *in vermelho*. 2019. Frame de vídeo.

O feijão a noite. O alimentar além da matéria.



Imagem 08: Série *in vermelho*.
2019. *Auto retrato*.
INRRADIADO

Processo de percepção corpórea
e emancipação espiritual.

Caliban in vermelho.

Um dia disseram a um eu que “viver é se policiar” e que “em toda relação deve haver suporte mútuo”. Estou seguro porque você me segura. Quando me encontro como estou agora, um pouco *abalani*, em palavras Brunescas, compreendo que é na fragilidade de estado que o meu corpo se prepara.

O caos mental e a impossibilidade de coordenar a performance social só me intimam a receber.

Ao contrário do que me ensinaram, o mal não espera escurecer. Recorro a *performancia* para romper com a repetição que o temor à luz me causa, junto à angústia que me queima e acorrenta, pelas janelas da alma. Na busca por estar constantemente preparado para o confronto, me tomo em paralisia de não conseguir prever os passos dos meus inimigos. A possibilidade de emancipação espiritual daquilo que me foi violentamente ensinado só é possível quando compreendo que não caibo na trindade. E que nem por isso deixo de ser divino. Não sou pai, nem filho. A grande subjetividade não pode coexistir no mesmo corpo que outros três. Esse espírito precisa sair de mim.

Expurgo a maldição do habitar a existência como o avesso do branco por feitiços visuais, registrando em texto-luz os momentos de culto. Em descanso na penumbra reedito e construo através da fotografia e manipulação digital. *In Vermelho* passa por essa necessidade de criar novos significados a tudo, partindo principalmente de nossas experiências em conjunto. A série que se relaciona diretamente com os estados de *inrradiação*, aos quais entrávamos nos momentos de culto, fraciona por meio da fotografia e do vídeo a ritualidade construída por nós no cotidiano. A despossessão só é possível quando expulso os mercadores do meu corpo, pois três é demais pra mim. Ritualizo *in vermelho* à felicidade, não como um feitiço que a traga até mim, mas como visão esotérica, pura *performancia*, que me possibilita ver que ela já sou eu.

Gravatá. Croá. Calumbi. Vorta escura.

Málicu. Não ser uma sucursal cristocolonial

- O SOM -



Imagem 09: Frame de vídeo. *Transe de dez milésimos de segundo*

Vídeo. Ritual-recital-performático.

De certo que o tempo parou para que aquele momento ocorresse, ou ao menos permitiu gentilmente que a atenção universal fosse direcionada para aquele encontro. É algo comum, por incrível que pareça, essa sensação de suspensão de uma lógica temporal/espacial, sempre que a onda me encontra. Seja ela qual for. Não há ordem ou hierarquia entre as ondas. Todas exercem sua influência para a instauração do estado de *inrradiação*.

Antes que pudéssemos estar no mesmo espaço, O SOM nos proporcionou o primeiro contato.

“Se às vezes eu me calar, tentando me encontrar não ligo, ou não. É medo de perguntar, se o amor que você me dá. É hoje o meu futuro? Ou pode me machucar?”. (FERGHALI, ano, página) Ricardo. Cristina. In: LIVRES, ASAS. **Asas Livres Vol.1: Voando até você.**

Existe uma certa aversão que propositalmente se destina a banalizar toda produção que nasce à margem da luz. É impensável/revoltante para alguns, a possibilidade deste território produzir estesia. Principalmente se levarmos em conta a instalação da performance de apatia como a única possível para os habitantes da penumbra.

Eram um Pai, um filho e Cristina diante de mim. De asas livres.

Existe um sabor familiar nas experiências que nunca me ocorreram. Acredito poder perceber estas familiaridades ao entrar em contato com essas ondas, que precedem o estado de irradiação. Ele, que trabalha colhendo dendê precisava de um novo facão, seu filho o acompanhava, e Cristina permanecia em terra pela necessidade de comunicação presente em toda obra. Ela não se calava enquanto eu os ouvia visualmente. Ele me contou sobre a necessidade da lâmina e a respeito do trabalho que exerciam juntos; há ação, há intenção. Falou sobre a importância na escolha desta lâmina como ferramenta. Me convidando ao prazer de experienciar o divino que convive ao nosso redor, os três elementos deram início à ritualidade presente no cotidiano.

A escolha da lâmina.

“Eu já sei escolher a lâmina...” afirmou ao Pai. Estando frente aos facões, o menino os encarava. “Como se escolhe um facão?” perguntei. “Tem que levar a lâmina entre os lábios. A parte cortante deve estar virada para você, para dentro. Então com o facão na boca, você vai expelir um bafo quente sob lâmina. Se ao retirar-la da boca ela permanecer embaçada, trata-se de um bom facão”. Me explicou a criança. “É...Você já sabe escolher a lâmina...” afirmava o Pai.

O SOM, assim como as outras ondas, se faz presente em inúmeras manifestações de contato e manipulação energética, assim como em incontáveis sistematizações de acesso à energia que nos cercam. É o único fantasma do qual não se pode fugir. Em toda essa experiência com a lâmina, as ondas se fizeram presentes. Nessa, em específico, o som teve seu papel pontual constantemente perceptível durante o ato que presenciei.

Importante pontuar aqui que não restrinjo a compreensão desta onda, a quem respeitosamente chamo de “SOM”, numa perspectiva apenas musical associando-a

a limitações conceituais signicas. No campo da Física por exemplo, Som e Ritmo nos serão apresentados como sinais/frequências que se propagam em alguma intensidade e/ou em alguma regularidade. Me pergunto sobre a intensidade das relações criadas entre SOM e sujeito, assim como todos os outros elementos que possam estar presentes neste encontro. Penso sobre as frequências geradas e manipuladas a partir da intenção do ato. O SOM tem o poder de manipular a atmosfera podendo causar conforto ou desespero, a depender da intenção de quem manipula, independente de quando o indivíduo, como agente participante a estiver produzindo/compondo ou a sobrepondo.

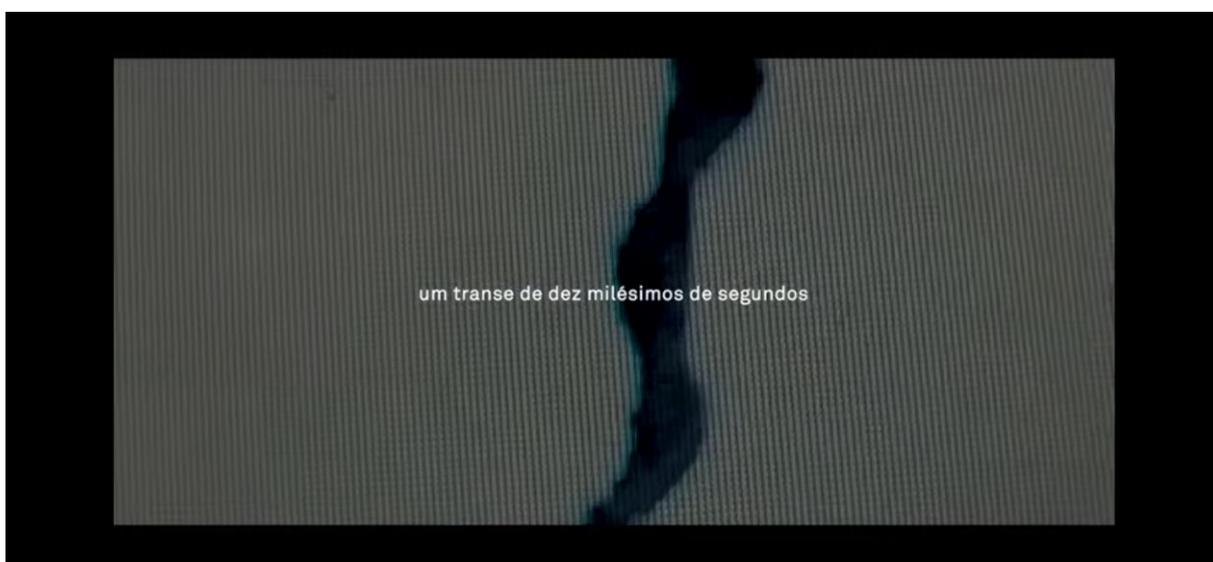


Imagem 10: Frame de vídeo. *Transe de dez milésimos de segundo*

Vídeo. Ritual-recital-performático. Jamile Cazumbá

Na obra *Um Transe de Dez Milésimos de Segundos*, ritual-recital-performático, por Jamile Cazumbá, somos apresentados a um corpo em processo de *inrradiação*, não porque a performance de Cazumbá se direciona a uma possível suspensão da consciência “humana” e a um contato sobrenatural com a matéria, mas pela relação estabelecida por ela como instrumento catalizador de acesso, entre a energia e o espectador. Neste trabalho a Artista propõe um encontro com as energias que a tencionam em estado de ação, estado de produção/materialização. Percebo a presença do SOM, da COR e do MOVIMENTO na obra, mas de alguma forma o som

desse trabalho me chega como feitiço mó. Como a baliza mó em uma fanfarra, a abre alas. Vai à frente de.

A manipulação sonora apresentada por Jamile em *Um Transe de Dez Milésimos de Segundos* não se limitaria a uma linguagem. A simbiose que se compõe pelo som do ambiente e da linguagem que a artista entrega na obra, produzem significância que a compreensão lógica e categórica não dá conta de desfragmentar e traduzir. Talvez justamente por nos convidar individualmente a se conectar, energeticamente, com os signos e experiências adquiridas anteriormente de uma outra maneira, mas aqui dentro de um campo temporal do acontecimento, do gerúndio.

O som que nasce das relações e experimentações diárias da artista, nasce antes do vídeo, e se mescla a ele. Uma construção de linguagem, que não se limita a uma ideia de fonética no sentido auditivo - em que, através da sonoridade apresentada, Jamile nos propusesse a ouvir pelos olhos.

“(...) quando Black Shadow canta "você está sentindo o sentimento..." ele pergunta sobre outra coisa. Ele está perguntando sobre uma forma de sentir através dos outros, um sentimento por sentir que os outros sentem você. Este é o sentimento insurgente da modernidade, sua carícia herdada, seu falar de pele, seu toque de língua, seu discurso de respiração, seu riso de mãos.”
(HARNEY,S.;MOTEN,F. 2013, p.97).



Imagem 11: *Transe de dez milésimos de segundo*

Registro fotográfico. Ritual-recital-perfomático.

Há no vídeo uma linguagem, apresentada pela artista entre os minutos 1:21 e 1:43 e que depois é retomada próxima ao fim do vídeo, entre 4:52 e 6:24, da sua obra ritual-recital-perfomático, que produz comunicação sem que essa linguagem precise passar por uma compreensão lógica. Eu não preciso decodificar cada som emitido pela artista para conseguir me comunicar com ambas, artista/obra/energia. Jamile produz diálogo através da produção de sentir. *Inrradiação*.



Imagem 12: *Transe de dez milésimos de segundo*

Registro fotográfico. Ritual-recital-perfomático.

- A COR -

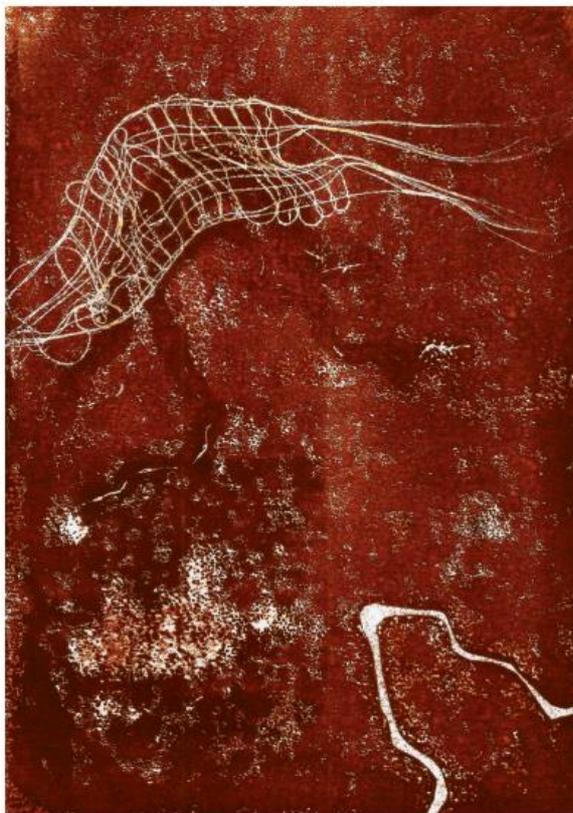


Imagem 13: *Primeira braçada*. 21 x 29,7cm. George Teles
Impressão s/ papel (Monotipia)
Ed. 01/01 (02 peças)
2020

A tempos que me debruço a reeducar meu corpo a conviver com a estesia, e possivelmente, me comunicar por meio de mais de uma sensação. Me interessa perceber como a *inrradiação* me direciona à ação imediata e arrebatadora. Que agindo como linguagem, enquanto onda, se apresenta como uma competência pragmática, me mostrando que é na intenção do locutor que está uma das muitas formas de manusear o poder.

A *inrradiação* nasce dos encontros cíclicos com os elementos (aqueles citados ou não nesta pesquisa). Estes, com os quais podemos produzir comunicação, podendo ser percebidos presentes nas bases fundamentais de diversos espaços de ritualidade, sejam eles existencialmente lidos como religiosos ou não. Essas energias tornam possíveis as comunicações no campo do mistério.

Tenho pensado em COR muito além do sentido em que estamos acostumados. Muitas vezes relacionadas a partir da teoria das cores ou da psicologia das cores, fortemente utilizada pelo marketing, que nos afirma que o vermelho está associado a atenção e a apetite por exemplo. Por vezes discursos são construídos em torno de cores, relações culturalmente pré-estabelecidas.

“sentir o gosto da ferrugem da ponte nos dedos dos pés ao caminhar sobre o Paraguassu, perceber que o perecer da matéria é o acúmulo dos resquícios dos encontros..”
(TELES. 2021, p.12).

Há na construção das monotipias do artista George Teles um vasto interesse por refletir sobre os encontros e tudo o que cabe no vácuo deste. As vezes estes encontros se dão com pessoas, às vezes o próprio território no qual estamos localizados. Suas peças visuais me proporcionam reflexão quando as encontro. Nestes encontros, a presença monocromática em suas obras, me pressionam a questionar sobre ensinamentos e formas de respirar o alaranjado. Assim como quando ainda criança era *inrradiado* pela cor do dendê. *Inrradiação* essa que me colocava em estado de ação, questionamento, sobre espacialidades e relações, enquanto hipnotizado tentava entender as tonalidades do laranja no azeite de dendê.

Há uma densidade na parte que se apresenta laranja mais clara que me impede de visualizar seu entre, seu por trás. Espesso e encorpado. Acima deste, em sua parte mais oleosa, sua coloração se dá em uma alaranjada penumbra translucidamente escura. Suave e imponente. Se há na utilização de determinada cor - ou até mesmo da falta dela – a sua associação a signos que invocam significâncias, por meio de uma relação pré-estabelecida pelo poder nos discursos. Crio por meio da *Inrradiação*, relações com estas que não permanecerão estáticas a vínculos imagéticos.



Imagem 14: Garrafa de azeite de dendê de pilão.

Ao que conhecemos como as primeiras teorias sobre as cores, ao menos a difundida com tal status, é atribuída a Aristóteles. Que afirmava que a cor seria uma propriedade do objeto assim como seu peso. Depois com Da Vinci, há a teoria de que a cor seria uma propriedade da luz e não do objeto. Hoje em dia, segue como conceito mais aceito e refinado, as reflexões que nasceram das experimentações de Newton, partindo de Da Vinci.(ref?) Mais tarde ele afirma que, a cor de um corpo sempre será a cor que ele reflete. Pois a cor de um objeto não depende só dele, mas da luz que o ilumina.

Há uma relação no encontro e no diálogo com a luz. Uma luz branca, segundo a teoria de Newton, emitirá todas as cores. O objeto que recebe essa luz, porém, conseguirá refletir apenas a cor que possui. O preto por sua vez é definido como

aquela que absorve tudo e nada reflete, podendo ainda em luz monocromática transmutar-se em todas as cores que não correspondem a cor emitida. Uma flor azul iluminada por uma luz vermelha será preta. A construção do discurso que associa a luz ao bem, assim como a validação de uma imagem humana do bem, como o corpo do homem branco. Garante a passibilidade empática. Viver pelo direito ao pecado.

“Quem nele crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus. O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más. Pois todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem arguidas as tuas obras. Quem pratica a verdade aproxima-se da luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque feitas em Deus.”
(JOÃO, 3, 18-21).

Meu interesse aqui não é o de atribuir valor moral a nenhuma das energias evocadas. Já não percebo luz e escuro como lados opostos, de sentidos adversários e convergentes. Ou que possam ser ligados uma ideia de bondade ou maldade. Não estou tentando inverter papéis ou relocar significados que se proponham a representar uma verdade. Meu interesse é o de pensar porquê ao estudar cor no campo da física, fui inconscientemente conduzido a reproduzir a ideia de relacionar benevolência à luz branca e maldade ao escuro. Me interessa questionar como/quando esses diálogos rompem as áreas de conhecimento que estão, carregando discursos que reforçam uma associação moral a tudo, como a relação com a luz e sombra por exemplo.



Imagem 15: *Colisão*. 45 x 59 cm.
George Teles Impressão s/ papel
(Monotipia) Ed. 01/01 (03 peças). 2020

“Não é, portanto, a dimensão ficcional do poder que me interessa confrontar. São mais bem as ficções, de poder específicas e os sistemas de valores que operam no feitiço deste mundo e seus modos de atualização dominantes .” (MOMBAÇA, 2021, p 67).

Quando me encontro em estado de *inrradiação*, confronto diretamente o banco de semiose colonial pré instalado no meu modo de existência. E nessa suspensão de uma cognição colonial, me comunico de outras maneiras, e entendo de outras formas.

Compreende-se, de acordo com o semioticista Charles S. Peirce, que todo signo, por natureza, já é a tradução de um outro signo, feita por natureza, já é tradução de um outro signo, feita por um processo relacional signo-objeto-interpretante, que provoca uma cadeia de transformações de signo em signo, num mecanismo infinito chamado Semiose. (OKANO, 2012, p 20).

Há uma pretensão, arrogância, que paira no ar e constitui com o odor característico dos filhos da luz. Um projeto de domínio que passa pela instauração da eternidade, como ideia de que o novo nunca poderá vir. A Semiose é direcionada a girar eternamente no eixo dos pilares que sustentam a colônia. Conquistando e destruindo.



Imagem 16: Registro no trecho Ilhéus/Itabuna. Acervo pessoal do artista.

Registro fotográfico. Mensagem em barranco, frente ao Hospital Regional Costa do Cacaú. 2020

- O MOVIMENTO -



Imagem 17: Escultura 3D. *Atravessador* - Allan da Silva

Projeto em 3D de um Saveiro de duas proa. 2021

Assim como aconteceu em outras ondas, invocadas na temporalidade deste trabalho, há na ideia de MOVIMENTO uma vontade de desassociação, reconfiguração. Do que seria um pensamento automatizado, que o liga apenas a uma noção de corporalidade e existência coreografada. A experiência espiritual afro-diaspórica tem em suas raízes uma relação corporal muito importante, que de alguma maneira pensando a partir do campo da experiência poderia ser entendido como *inrradiação* – embora *inrradiação* não esteja associada a uma cultura ou categorias como raça, classe e gênero -, agindo de forma essencial na manutenção de uma religiosidades. Religare.

O movimento é a onda que está diretamente ligada à ação, talvez até mais diretamente do que as onda já citadas nesse ensaio até o momento.

Ação em um corpo que está mantido em estado de inércia. Esse movimento criado a partir do encontro com a inrradiação é o tombar do domínio, entendendo aqui o domínio como a suspensão do tempo, projeto de eternidade. A instauração da inércia.

Segundo a primeira lei de Newton, a lei da inércia, um corpo permanece em estado constante, - seja essa constância em velocidade ou em paralisia - a menos que uma força seja aplicada sobre ele. Eis entre nós o atravessador de portos. Um barco sem leme. Um barco sem “costas”.



Imagem 18: Escultura 3D. *Atravessador*

Projeto em 3D de um Saveiro de duas proa. 2021

Em uma sociedade dividida em classes, a estrutura dos sistemas de representações e práticas religiosas próprias aos diferentes grupos ou classes, contribui para perpetuação e para a reprodução da ordem social (no sentido de estrutura das relações estabelecidas entre os grupos e as classes) ao contribuir para consagra-la, ou seja, sancioná-la e santificá-la. (BOURDIEU, 2007, p 52).

Um barco ingovernável.

Se compreendo que o movimento é o tombar do domínio, entendendo aqui domínio, por exemplo, como forças fictícias sociais que serão aplicadas categoricamente a partir de classificações, afim de garantir uma ordem social. Sistematizar que o acesso à energia passe pela vontade daquele que detém o conhecimento é primordial para a continuidade do domínio.

Um barco com duas proas não tem costas. Não tem leme. Não há como conduzi-lo. Allan Da Silva, me contou sobre sua visão de gira na água. Me lembro quando, vivíssima, se questionou “Se uma frente aponta pro rumo, mas este tem duas. Quando colocado na água ele entraria em estado de gira. E em círculo apontaria o rumo para diferentes direções”. Foi a primeira vez que escutei/encontrei com o atravessador.

A partir do movimento a uma outra direção, uma outra experiência de corporeidade. Transmutando o espaço do trauma, que garante o estado de apatia, faz com que seja possível gerar através da ação um reencontro a estesia. Criando assim formas de se relacionar novamente com o sentir, que não o intermediado pelo colonizador, suas instituições e ferramentas.



Imagem 19: *Atravessador*

Saveiro em produção em Jaguaripe/BA, fotografia do acervo do artista Allan da Silva . 2021

Eu penso que o tombar se dá no campo da energia. Quando *inrradiado*, ajo em estado de ação, suspendendo por frações o tempo, a lógica, a racionalidade pautadas pela narrativa que afirmam que a única forma possível de experiência a vida é através das coreografias ensinadas por eles. Há um paradoxo desleal discursivo violento. O laço do *passarinheiru* garante ao colonizador que o corpo marginalizado esteja sempre oscilando entre os estágios de domínio, permanecendo sob o efeito das coreografias sociais, na unilateralidade de expressões. Ou designa aqueles que educados a partir do trauma vivem em apatia.



Imagem 20: *Atravessador*

Saveiro em produção em Jaguaripe/BA, fotografia do acervo do artista Allan da Silva . 2021

- Difratar a energia –

A difração seria para a física, a capacidade das ondas de desviar ou contornar os obstáculos que são encontrados durante sua propagação. Ao mesmo tempo que serve como ampliação ou alargamento das ondas após atravessarem brechas, fendas e orifícios. Produzir para *inrradiar*. Você é *inrradiado*. Você absorve essa energia e através de ferramentas - como a arte por exemplo. É possível devolver essa energia, gerando comunicação através do sentir, perpetuando a onda. Produzindo *inrradiação*. É preciso afirmar, deixo aqui documentado para que sirva de elucidação. A *inrradiação* não acontece no campo do entusiasmo e não pode ser confundida com tal sentimento. Pois como nos lembra Fanon:

Essas verdades não precisam ser jogadas na cara dos homens. Elas não pretendem entusiasmar. Nós desconfiamos do entusiasmo. Cada vez que o entusiasmo aflorou em algum lugar, anunciou o fogo, a fome, a miséria... E também o desprezo pelo homem. O entusiasmo é, por excelência, a arma dos impotentes. Daqueles que esquentam o ferro para malhá-lo imediatamente. Nós pretendemos aquecer a carcaça do homem e deixá-lo livre. Talvez assim cheguemos a este resultado: o Homem mantendo o fogo por autocombustão.
(FANON, 2008, p 27).

Nesta pesquisa exponho como em minhas experiências essa energia agiu, me proporcionando ligações e encontros com os diversos agentes em minha trajetória. Assim como percebo em mim a necessidade de expelir, devolver, sempre refletindo sobre a intenção com a qual relico essa energia no mundo. Já mudada pelo meu encontro. E que amorfa, mutável, transforma-se e transformará o próximo com quem encontrar. Nesse sentido, deixo aqui documentado, a *inrradiação* não pode ser acessada como um conceito, caso seja essa a sua vontade, a de compreendê-la de forma totalitária e imutável, através de uma lógica e racionalidade. Não vejo esse como um caminho para se relacionar com tal energia. Trata-se de uma experiência espaço/temporal em gerúndio. E a este trabalho cabe apenas a tentativa de lhe transpor, talvez, em um exercício de evocação da memória, uma narrativa ficcional limitada. Entendendo que através das obras e experiências, aqui como exemplo de ferramenta, é possível perceber que você provavelmente já habitou relações com esta. Talvez, você só precise reconhecer como em seu próprio diálogo com ela tem acontecido.

Oratórios a um colorê

O Braço Direito da Luz

Dentro dessa infeliz dinâmica, o sujeito negro torna-se não apenas a/o “Outra/o” – o diferente, em relação ao qual o “eu” da pessoa branca é medido -, mas também “Outridade” – a personificação de aspectos repressores do “eu” do sujeito branco. Em outras palavras, nós nos tornamos a representação mental daquilo com o que o sujeito branco não quer se parecer.
(KILOMBA, 2019, p 37).

Sant’Antão que negaste a todas as tentações do diabo alvo, mostra me como negar. A não sucumbir ao papel imposto socialmente ao meu corpo.

Que tipo de participação temos nós mesmos nas construções de nossas subjetividades ou nas de outros? Sempre me fiz perguntas, não na intenção de respondê-las mas sempre imaginando, talvez, o que me motivaria a formá-las. Uma dessas questões, se não a mais corriqueira, acontecia quando me apresentavam um mau exemplo para fins educacionais. Fosse a atitude de um sujeito ou seu próprio modo de existir e interagir com o mundo a seu redor, sempre que me colocavam nessa situação de espectador em estado de aprendizagem, me fazia perguntas do tipo:

Como ele chegou a isso?

Como se cria um colorê?

Como alguém chega a esse ponto?

Era apenas um viadinho saindo à luz, tinha não mais que 9. Embora novo, aquela penumbra, suas raízes faziam parte daquele território. Mas para ele, era tudo espaço em potencial, até mesmo onde sua vista não alcançava. Saiu apenas com o objetivo de jogar. Meia hora um real, era a regra. A comunicação partindo da análise era tão necessária quanto qualquer outro mecanismo de defesa. Observava a coreografia que seu semelhante em gênero, entregavam ao público. Tinha este *brother*. Era novo e por algum motivo não existia problema em estarem no mesmo espaço, até então.

No mesmo lugar que se comia, jogava. A distinção, em tese, estaria no capital, entretanto moeda nenhuma esconde um *Corpus* Sísmico. Sua presença é temida, sem restrições de idade. Aquela foi uma das noites em que pude presenciar uma fração de indivíduo ser modelada.

Contradizendo a grande placa na entrada “sejam todos bem vindos”, aquele ambiente não estava disposto a dialogar com minha existência. Parte lanchonete, parte vídeo game e em nenhuma das duas foi possível experienciar a escolha. Por que desconhecidos se sentiam encorajados a um ataque? O que havia de tão abominável na existência de uma criança, ao ponto de justificar um ataque violento a seu corpo?

No retorno, sozinho, acompanhado apenas das questões que recebeu por apenas um real, se questionou sobre a fuga. O tempo ficou de sobra, mas naquele momento partir era a única opção possível.

Imagem 20. Serie *O Braço Direito da Luz*.

Kaick Rodrigues
Fotografia. 2019
Acervo do artista



“Quando tu entra num espaço a primeira coisa que seu corpo grita é, entrou um homem preto. Oh Bixa! Só depois sua voz lhe entrega”.

Não me recordo de onde partiram essas palavras, acho que não é tão importante pra mim no momento identificar o remetente. A memória vem como uma onda. Podado em todos os meios que participei, do educacional ao afetivo, do religioso ao casual. Todos têm sempre uma exigência sobre o corpo do outro. Era preciso descobrir o que em mim passava uma imagem errada, pensando a partir do ideal cis masculino.

Senti necessidade de estudar a corporalidade dos homens a minha volta, para que minha masculinidade tivesse enfim legitimidade, através da performance. Foi preciso analisar/pesquisar o que seria a performatividade aceitável a um “negão de 1,80”. A coreografia que permita negociar o viver sob a luz custa muito. Para alguns custa tudo.

A masculinidade tóxica como projeto de poder deve ser abordada em qualquer discussão sobre a distribuição social da violência. A violência cismasculina é uma arma transversal de normalização de gênero e controle social. Ela afeta não apenas mulheres cis e corpos não heterossexuais e trans, mas também os próprios homens cisgêneros que tem de alcançar esses graus ideais de virilidade a fim de cumprir com aquilo que a normalidade de gênero requer. (MOMBAÇA, 2021, p 69).

A apatia deve ser uma das principais vestimentas da performance masculina. Não há muita variação aceita dentro da palheta limitada à violência como base para qualquer comunicação/relação. Esta, a violência, ocupa parte central das expressões disponíveis à experimentação, e como eixo é colocada na base da manifestação dos sentimentos. Masculinidades são encorajadas a se construir “individuais” a partir desta como norte. Alguém que é pressionado? a usar uma única cor não deixará de pintar, mas certamente para onde suas expressões/experimentações caminharão?.

Toni Morrison (1992) usa a expressão “dessemelhança”, para descrever a “branquitude” como uma identidade dependente, que existe através da exploração da/o “Outra/o”, uma identidade relacional construída por brancas/os, que define a elas/es mesmas/os como racialmente diferentes das/os “Outras/os”. Isto é, a negritude serve como forma primária de Outridade, pela qual branquitude é construída. A/O “Outra/o” não é “outra/o” *per se*; ela/ele torna-se através de um processo de absoluta negação. Nesse sentido, Frantz Fanon (1967,p. 110) escreve: “O que é frequentemente chamado de alma negra é uma construção do homem branco.”

(KILOMBA, 2019, p 38).

O homem branco projetou no Corpo Negro seus demônios, tornando tudo o que lhes é associado como um sinônimo do ruim, do tenebroso, purificando assim seu próprio corpo sobre a eterna premissa de bondade nos atos. A catequização por meio da imagem garantiu à igreja o poder de divinizar um padrão estético, ligando seus “semelhantes” através dos tempos a uma aura de benevolência e privilégios. Sendo assim, não é estranho afirmar que muito de nossos exemplos e parâmetros para definir um conceito de belo/bem e feio/mal derivam de uma origem Cristã. Assim como é de lá que parte a ideia de afirmar que o belo está sempre associado à bondade em suas mais diferentes ramificações, enquanto ao feio – corpo não branco - resta a ideia de maldade e perversão.

Compreendendo a canonização do corpo branco como padrão estético, na Série *Entre o Orun e o Éje*, me tencionei a refletir como através da imagem seria possível beatificar o corpo negro e alguns de seus signos. Por meio da fotografia desassociei a imagem de algumas das divindades mais conhecidas da Mitologia Cristã, recriando passagens já familiarizadas por grande parte da população, sugerindo uma ligação, uma possível potencialidade, que soe natural, principalmente a estes que até então carregavam nas costas um ódio secular e hereditário, muitas vezes contra a si mesmos.



Imagem 21:
Série *Entre o Orun e o Éje*.
Kaick Rodrigues
Fotografia. 2019
Acervo do artista

Há na construção do “novo mundo” um fetiche pelo poder. Penso nas consequências e desdobramentos da construção de um discurso que, por um lado, liga o corpo do homem branco ao do salvador da humanidade, o unigênito filho de deus. E por outro, relaciona a construção do corpo do homem negro, como seu inimigo, enquanto diabo – animalesco.

Quando analisamos que o homem branco é associado a Jesus e existe uma vontade “natural/cultural” social de lhe garante empatia, justificando seus pecado e atos ruim a ações externas. Partindo da ideia da influência, podemos pensar como a masculinidade performada através da violência, é lida de diferentes formas quando praticada por corpos não brancos. Uma cordialidade violenta, a performance justificada na estética daqueles que representam em caráter hereditário, a luz entre os homens e mulheres.

A existência do Diabo nunca foi negada por nenhum Papa, nenhum Concílio, nem nunca foi posta em dúvida por nenhum heresiarca. Sem dúvida alguma é uma verdade de Fide Divina et Catholica pelo Magistério Ordinário da Igreja. Logo é um dogma de fé.
(Martins Terra 1975: 277-278).”

A narrativa que ata a imagem do corpo negro a uma essência animalesca do ruim, é sancionada por diversas instituições coloniais. Assim as interpretações e discursos que ligam corpos negros a uma maldade natural passam, para mim, também pelo campo do mito cristão. Que em nossa sociedade não ficam limitados a prédios e ritos. Quando tencionado a aprender a performance masculina, como método de sobrevivência, me encontrei com este paradoxo enlouquecedor. Colorê, na linguagem popular seria alguém que não habita a sanidade, mas que ainda não é “completamente” insano. Percebo que talvez a construção de um homem negro cis, - e aqui englobo nessa leitura estética não apenas homens heterossexuais – passa por uma sistematização que garante sua perda de sanidade/saúde mental.

O eterno teste de masculinidade.

Eu não vou me comunicar com você por meio da violência. Mas me entenda. Com isso posso lhe afirma que não estou em estado de submissão ou permissividade.

Com isso lhe garanto não serei seu inimigo. Eu não sou seu vilão. Não serei seu antagonista. Me felicito a buscar associação ao animal da dualidade, da transformação, ao movimento, à sorte. Prosperidade. Admiro sua paciência, sua

beleza, a incógnita dos seus olhos. Mistérios. Dualidade. No entanto, afirmo, não sou seu demônio. Não serei nada seu. Uma colcha iconográfica dividida tão desproporcionalmente, não me cobre, nem me esquento.

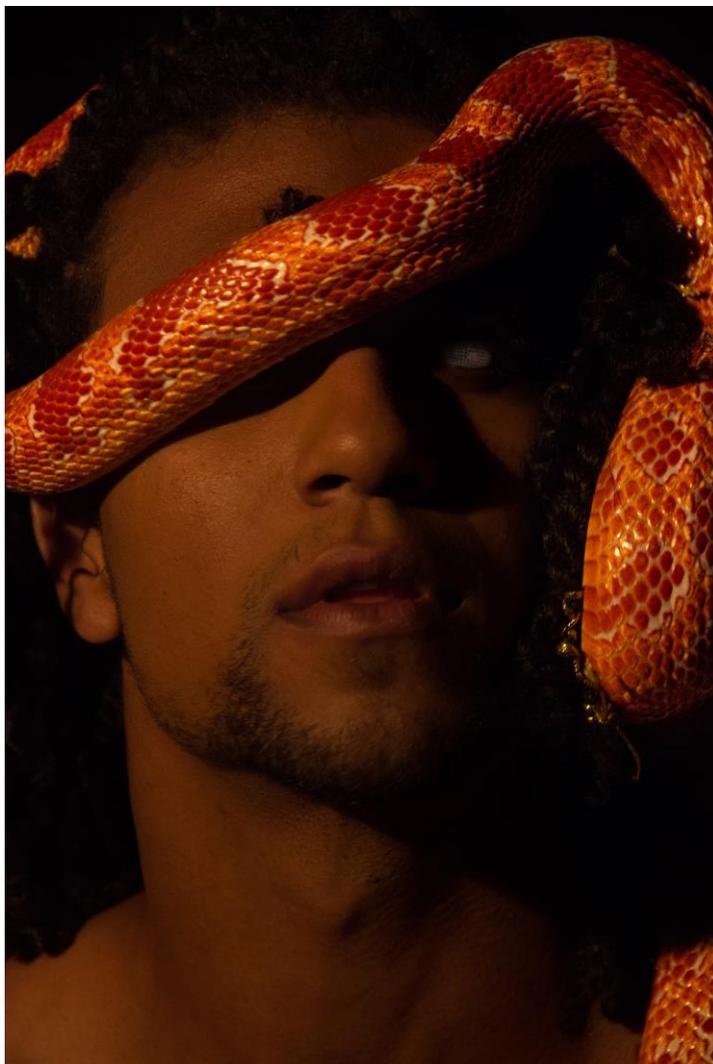


Imagem 22. Série *O Braço Direito da Luz*. Acervo do artista.

Kaick Rodrigues. Fotografia. 2019

No fim essa sempre foi a sua vontade. Incitar sobre os meus toda possível maldição do onisciente, nos lançar ao deserto. À sede. À fome. À morte. Porém, temos a cabeça coberta. Conheço tua mitologia, e já escrevo feitiços como os seus. Na sua língua. A minha maneira. Não sou teu inimigo. Serpenteio sorrateiro pela tua cama, você deseja a mim e ao meu corpo, como adereço. Sua colcha de retalhos não me cobre, nem me esquento.

Já não suo, nem gozo, não choro, nem sangro. Tudo me parece sem sentido nesse enredo sagrado. Caim. Jezebel. Judas. Madalena. Lúcifer. Sob o palco construído pelo preferido do onisciente, nunca seremos mais do que o avesso do grotesco. Em *O braço Direito da Luz*, amaldiçoo e renego o lugar de demônio atribuído ao meu corpo. Planejo através da imagem, manipulando os signos, a cobra e o homem negro. Uma nova possibilidade de leitura.



Imagem 23. Série *O Braço Direito da Luz*. Acervo do artista.
Kaick Rodrigues. Fotografia. 2019

Referências

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico o que é, como se faz.** ed. Loyola: São Paulo, 2002.

BÍBLIA. Português. In: A Bíblia sagrada: antigo e novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. p. 1034.

BOURDIEU, P. **Gênese e estrutura do campo religioso.** In. BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. 5a Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, pp. 27 - 78, 2007.

CAZUMBÁ, J. **um transe de dez milésimos de segundo:** ritual-recital-performático. Cachoeira: Brasil, 2021. (Disponível em: <https://acervoimediato.denda.com.br/acervo-jamile/>).

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas.** Bahia: Editora Edufba, 2008.

HARNEY, S.; MOTEN, F. **The undercommons:** fugitive planning and Black Study. Wivenhort; New York; Port Watson: Minor Compositions, 2013, p.97 - 98.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. São Paulo Martins Fontes, 2013.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação:** episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Performances da oralitura:** corpo, lugar da memória. Letras, Santa Maria, n. 26, p. 63-81, jul./dez. 2016.

MARTINS TERRA, J. E. **Existe o Diabo?** Respondem os Teólogos. São Paulo: Loyola,1975.

MOMBAÇA, J. **Não vão nos matar agora.** Rio de Janeiro: Conbogó, 2021.

OKANO, M. **Ma:** Entre-Espaço da Arte e Comunicação no Japão. São Paulo, Annablume, 2012.

OKANO, M. **Ma.** A estética do “entre”. In: Revista USP n°. 100, São Paulo. Ed. Dez/Jan/Fev 2013-2014, p. 150-164.